

NO LIXO, A LITERATURA: DOS RESÍDUOS AOS ESCRITOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM *QUARTO DE DESPEJO*

Humberto Ferreira da Silveira Junior¹

Liliane Vasconcelos²

RESUMO

Na rotina árdua de uma catadora de lixo da favela do Canindé na cidade de São Paulo, Carolina Maria de Jesus encontra na literatura o acalento para relatar as dores de uma mulher negra, pobre, mãe solteira e torturada pelos problemas sociais. Semianalfabeta, Carolina constrói através de resíduos coletados diariamente recursos para a construção do Quarto de Despejo. A escritora dialoga com problemáticas sociais e narra o dia a dia de quem vive à margem social, invisíveis, por assim dizer. Em uma década onde determinadas questões não eram discutidas ou nem pensadas, Carolina já aproveitava os resíduos coletados do lixo para otimização da matéria e transformava em grandes produções, que se somaram a mais de vinte cadernos, o que culminou no livro *Quarto de Despejo, publicado em 1960*. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho busca analisar como a narrativa de Carolina Maria de Jesus representa a dura realidade de moradores que vivem do lixo da cidade e o ressignifica, utilizando para tanto de uma metodologia multidisciplinar que possibilita perceber o quanto a narrativa literária amplia as imagens para os cenários distópicos dos grandes centros urbanos.

Palavras chaves - Literatura, Lixo, Quarto de Despejo .

A VIDA QUE VEM DO LIXO

De origem humilde, nascida no Estado de Minas Gerais, criada pela mãe e avós maternas, Carolina desde jovem foi marcada pela pobreza. Desde cedo teve que deixar seu estado e ir para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Marcada pelas chagas sociais, a escritora, já moradora da favela do Canindé, vê na literatura, ainda que de forma inconsciente, o caminho para fazê-la cumprir sua função social: a de denunciar a forma precária, e em muitas vezes condições animais, que vivia junto com seus pares. Produzindo uma literatura marginal e distante dos moldes determinados pelos grandes escritores, Carolina deixava nos seus registros as marcas da subjetividade, imprimindo suas emoções diárias naquela favela.

¹ Graduando em Letras (UCSAL) Membro do grupo de pesquisa Temporalidades Urbanas/UCSAL. E-mail: humberto.junior@ucsal.edu.br

² Doutora em Literatura e Cultura. Profa. Orientadora. Líder do grupo de pesquisa Temporalidades Urbanas (UCSAL). E-mail: Liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br

A obra *Quarto de Despejo* nos mostra uma literatura livre, capaz de levar o leitor a percepção e dialogar com o universo da escritora. A autora via no lixo uma fonte para a sua sobrevivência, pois sendo uma moradora de favela, era vítima de situações precárias e invisíveis. Assim ela via nos materiais descartados recursos que serviriam para reciclagem, a fim de suprir suas necessidades.

A fome, um problema universal, tratado com sutileza por diversos escritores, por considerarem polêmico, já era discutido em suas obras. O cotidiano periférico e a dor de quem sacia a sua fome com o que era descartado no lixo reflete a condição miserável da escritora.

Desde a necessidade humana, que é de se alimentar, até as condições básicas, de vestes, tudo era retirado do lixo. Em uma jornada árdua e diária, Carolina percorria com os filhos os caminhos do lixo, desde a busca incessante por lenha, que quando encontrada em condições reutilizáveis era motivo de festejos, até o reaproveitamento de alimentos. A escritora não deixava nada se perder, tudo era reaproveitado.

Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pois os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar. (JESUS 1955, p.30)

O dia a dia era marcado entre as idas ao açougue, em buscas de sobras para alimentar os filhos, assim como catar papéis nas vias paulistanas. A partir dessas vivências, Carolina retrata uma cidade desigual e uma favela que reunia pessoas que viviam em condições subumanas e marginalizadas. Em uma época que certos temas não eram discutidos, inconscientemente Carolinas e seus filhos tiravam daquele despejo materiais para reciclagem como fonte de sobrevivência, vindo tempo mais tarde a ser considerada a "Cinderela do lixo". Uma catadora, negra, pobre e favelada vê no lixão duas possibilidades: o reaproveitamento de resíduos e sobras para alimentar o corpo, e o reaproveitamento de papéis para alimentar a alma através da literatura. E nesse momento, a literatura cumpre seu papel piamente: a de denúncia social.

Carolina, de forma metafórica, associava a favela a um quintal, uma forma de reafirmar que ali era um lugar onde as classes com poder aquisitivo despejavam seus resíduos, que muitas vezes era visto como caridade. A escritora tinha consciência das mazelas sociais em que eram vitimados. Embora não tivesse

formação acadêmica, tinha a percepção da vida precária em que era condicionada juntamente com os seus pares. O livro revela com nitidez o cotidiano da favela do Canindé, tendo uma população invisível e que já era cada vez mais crescente e sem nenhuma inclusão social.

Eu classifico São Paulo assim - O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 1955, p.32)

Na década de 50, em que o país tentava se firmar economicamente, não eram discutidas as questões ambientais. O lixão a céu aberto em que vivia a escritora era um cenário em que se refletia diversos problemas ambientais, ela convivia com a disseminação de doenças e contava com a própria sorte para não contraí-las.

Essa temática também foi trazida por Carolina, quando retrata o cotidiano de seus pares, onde ela disse que não morrer era um ato de resistência, mas um dia com vida era motivo de agradecimento, e ter uma doença era o menor detalhe. “Quando fui buscar água vi uma infeliz caída perto da torneira porque ontem dormiu sem jantar. Os médicos que nós temos aqui na política sabem disto” (JESUS, 1955 p.40)

Devido a ausência ou falta de interesse por parte do poder público, o que é relatado de forma constante pela autora, é perceptível observar que ela nos revela já um universo em que em as estruturas dos lixões já eram precárias e sem responsabilidades ambientais, desde a coleta domiciliar que era feita por caminhões que através das suas fumaças já poluíam o ar e as más condições que viviam os catadores. Para além dos problemas sanitários, era comum as queimadas e a degradação do solo por parte dos resíduos que eram despejados. Naquela época, a coleta não era pensada em coleta seletiva, mas sim em coleta alimentícia.

Com a revolução industrial, a sociedade foi motivada ao consumo de bens e doutrinação, isso intensificou o descarte, sendo feito de maneira impensada e irresponsável. Tais efeitos resultaram numa reação imediata, onde fatores climáticos, por exemplo, fez com que o indivíduo pensasse a sua relação de consumo com o meio ambiente, uma vez que o universo capitalista conduz as pessoas ao consumismo e resulta na produção de lixo. A sociedade não foi

preparada para o desenvolvimento e prática de uma consciência ecológica e que é parte integrante desse processo.

Os resíduos são consequências do processo de industrialização, urbanização, que são provenientes de um longo período histórico, nos séculos XVIII e XIX, que desencadeou consequências na saúde advindas da problemática ambiental.(BOTTOMORE, NISBET, 1980).

Outra questão a ser abordada são os dos catadores de lixo, os que tiram dali sua fonte de renda para sobreviver. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), cerca de 400 mil pessoas coletam lixos no Brasil. Quando observado o perfil social desse grupo, percebemos que este não destoa do cenário apresentado por Carolina em Quarto de Despejo.

Essa camada é composta majoritariamente por negros, vítimas sociais, com acesso a educação precária (como por exemplo os filhos da escritora que dividia seu tempo entre o lixo e escola municipal) e refens de moradias construídas com recursos da própria coleta. Outro fator alarmante é que ainda hoje na contemporaneidade, e apesar das discussões ambientais avançadas, cerca de 90% dos municípios brasileiros ainda têm lixões a céu abertos, revelando a falta de compromisso com investimentos ambientais.

2 - CATADORA DE PAPEL: DOS RESÍDUOS AO QUARTO DE DESPEJO

Na década de 1950, na qual o país consolidava investimentos industriais e celebrava aliança com outros países, como os Estados Unidos, esse modelo econômico de industrialização atraiu muitos migrantes, principalmente os nordestinos, para a cidade grande de São Paulo. Esperançosos com a possibilidade de um futuro melhor, muitos pretendiam passar uma breve temporada na capital paulistana. Assolados pela crise social, os altos preços impediam de realizar minimamente as necessidades básicas e mal podiam se alimentar, isso é percebido no seguinte fragmento do livro de Carolina:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 1955. p.11)

Mãe solteira e moradora da primeira maior favela de São Paulo, retira do lixo o sustento para os filhos que convivem com todas as enfermidades sociais. A escritora, narra em sua obra Quarto de Despejo, problemas do lugar onde sobrevive com tamanha intimidade e propriedade, peculiar de que sente na pele o abandono e marcas da vida. Problemas sanitários, moradia, alcoolismo, a coleta de lixo, em suma, um lugar esquecido e invisível aos olhos do poder público. Em trechos do livro, a escritora chega a denunciar de forma satírica, que eles (os residentes da favela) são lembrados apenas em épocas eleitorais.

Os políticos protegem os favelados. Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando e candidatou-se para deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não visitou mais. (JESUS, 1955, p.32)

Numa época em que problemas sociais não eram debatidos em muitos espaços, a escritora o colocava em pauta em suas obras, mesmo que de forma rápida, pois via na literatura espaço para denunciá-las. Sobrevivente de recursos provenientes do lixo, fruto do seu trabalho com jornada árdua e diária, a catadora de papel retirava os recursos despejados no meio ambiente com consciência ambiental.

Os papéis coletados eram reaproveitados, reciclados e atribuídos a uma nova forma de uso. Esses papéis, no silêncio do seu quarto, recebiam os relatos de todo preconceito vivido, a sua dor, seu sofrimento e, acima de tudo, o desejo de ver seus livros publicados, pois nutria a esperança de que através da materialização das palavras pudesse realizar seu maior sonho: o de ter uma casa de alvenaria.

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.. (CANDIDO 1995 Vários escritos". 3ª ed.. revista e ampliada.)

A literatura não é algo engessado. Ela possibilita ao leitor ir além do imaginário e dialogar com o universo do escritor. Para além de todas as questões

abordadas na obra, é possível destacar uma relação, mesmo que involuntária, que Carolina tinha entre a literatura e o processo de reutilização dos recursos coletados. Estando num espaço que desde o processo de formação já nasce fadado às mazelas, a escritora retira de forma seletiva daquele aterro sanitário recursos que são passíveis de reciclagem. Ela repensa e atribui um sentido para uma nova produção. Ao tornar os papéis como matéria prima para seu trabalho, Maria Carolina reverte danos ao meio ambiente e dá uma nova vida àqueles papéis através da escrita. Assim a literatura dialoga com outros universos, podendo ressignificá-los.

Como um lugar de despejo, nem sempre a catadora conseguia alimentos que poderiam saciar a fome de seus filhos. Em dados momentos a escritora relata a insegurança de dar para seus filhos alimentos estragados ou a incerteza de estarem envenenados devido a contatos com ratos. Essa condição subumana e miserável é retratada por diversas vezes em sua obra revelando o universo de Carolina.

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendi ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro lá na Avenida Bom Jardim. No lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo e ele escolhia uns pedaços. Disse-me Leva, Carolina. Dá para comer. (JESUS, 1995, p. 39)

Quarto de Despejo não se detém e nem tem a intenção de se ater aos valores estéticos. A escritora apresenta uma realidade despida da vida de uma catadora que sobrevive a partir de resíduos, sobras descartadas no lixo. Releva ainda a exposição a todos os riscos sanitários e condições animais a que são condicionados, uma vez que os restos dos alimentos eram disputados pelos homens e pelo bichos. Maria Carolina utiliza-se da arte e do dom da escrita para revelar sua maior inimiga que enfrenta diariamente: A fome.

Já discutido nesse artigo, Maria Carolina vê na escrita como uma arma para apresentar o universo periférico. Ao mesmo tempo, a escritora também vê na escrita um refúgio para suas angústias e dores, o que te dava poder. Pela literatura, ela narra problemas sociais no âmago da favela do Canindé que estão presentes até os tempos contemporâneos. A fome que é constante em sua obra, nos revela a realidade dos catadores de lixo que enfrentam inúmeras dificuldades para

(sobre)viver e condições subumanas, para retirar do lixo alimentos para matar a fome e materiais para vender.

Para Benjamin (1994) todo artista tem um pouco de mendigo, catador de lixo. Carolina em dados momentos se via como o próprio lixo, desejando até mesmo a morte. A luta diária da catadora de papel que retirava do lixo o sustento dela e de seus filhos, retrata um Brasil capitalista e quem estava fora dele lhe era reservado viver às margens da sociedade.

Assim, a obra *Quarto de Despejo*, reflete sobre a fome e as dificuldades enfrentadas pelos catadores de lixo, coloca em pauta um país desigual e que fecha os olhos para os que vivem à margem da sociedade. Carolina tinha determinação, e acreditava que o lixo não lhe aceitava e precisa ir além.

O João e a Vera deitaram-se. Eu fiquei escrevendo. O sono surgiu, eu adormeci. Despertei com o apito da Gazeta anunciando o Ano Novo. Pensei nas corridas e no Manoel de Farias. Pedi a Deus para ele ganhar a corrida. Pedi para abençoar o Brasil. Espero que 1960 seja melhor do que 1959. Sofremos tanto no 1959, que da para a gente dizer: Vai,vai mesmo. Eu não quero você mais. Nunca mais. JESUS, 1959 p. 191)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, este trabalho expõe como a literatura dialoga com a multidisciplinaridade. Através do relato da escritora, é apresentada a realidade de quem vive no lixo e é refém dos desvios sociais. A narrativa da escritora expõe uma sociedade opressora que marginaliza aqueles que não possuem condições econômicas.

O cenário do lixão a céu aberto, ainda na década de 50, mapeia todas as problemáticas ambientais que naquela época eram avassaladoras. Na favela do Canindé eram despejados todos os materiais que o Palácio, como Carolina se referia a cidade, descartava. Entretanto, as condições insalubres, as queimadas, a propagação de doenças e poluição do solo não se distancia dos tempos atuais. As questões ambientais são uma preocupação não apenas do Brasil, mas sim do mundo inteiro, mas ainda no século XXI. Apesar dos debates acerca do meio ambiente e a problematização do tema, a realidade dos lixões brasileiros não se distanciam do universo narrado por Carolina. As pessoas que compõem esse cenário são em sua maioria negros, com acesso escasso a educação, condições de moradia precária e vítimas de doenças crônicas.

A catadora que inconscientemente catava e reciclava papéis, aproveitando todo o seu material transformado-os em matéria-prima para a escrita de seu diário, nos apontou um caminho em que a reciclagem minimizaria parte dos aterros sanitários e limpeza das vias públicas. A obra ainda nos faz refletir que o problemas nasce nas residências, empresas, entre outras, exatamente na hora de jogar o lixo fora, e mais uma vez nos indica a importância da coleta seletiva.

Carolina, como escritora, exerce o poder literário de denúncia social, para além de todas as mazelas descritas por ela, nos aponta ainda os descartes do lixo de forma errada, poluição do ar, os rios que às vezes ocupa o lugar dos lixões, as sujeiras das vias públicas e a vida cruel dos catadores de lixo. De quem tira do lixo recursos para converter em luxo. A autora, em seu diário, proporciona ao leitor a dialogar com o universo em que vivem os favelados e nos apresenta o reflexo da desigualdade social que não se distancia nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria De. **Quarto de Despejo. Diário de uma favelada**. Editora Ática, São Paulo - SP, 1993.

JACOB, Michelle Cristine Medeiros. CHAVES, Viviany Moura. A poética dos resíduos em Quarto de Despejo : Por uma dietética na escassez. **Caderno Seminal Digital**, nº 29, v. 29 (JAN-JUN/2018) – e-ISSN 1806-9142.

www.mundoeducacao.uol.com.br. O lixo urbano. Disponível em:
<<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/lixo-urbano.htm>> Acesso em :30 de julho de 2021.

DIAS, Wilson. Os que sobrevivem do lixo. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2941:catid=28&Itemid=23#:~:text=S%C3%A3o%20400%20mil%20catadores%20de,de%20R%24%20571%2C56.> Acesso em: 30 de julho de 2021.

PIZZOLATO, Anandra dos Santos. DE OLIVEIRA, Elyezer Rosa. MACHADO, Lucas Cavalcante. Lixo e saúde: Qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis. Disponível em: www.inovarse.org.br
<<https://www.inovarse.org/filebrowser/download/15546>> Acesso em : 30 de julho de 2021.